

ESCULTURA FAMILIAR: A ARTE DO CORPO

Fátima Ferreira²⁴

RESUMO

Este artigo é uma revisão literária sobre a técnica de escultura familiar como arte do corpo. É uma visão mais alternativa sobre a escultura como sendo uma arteterapia tal como a músicaterapia ou cinematerapia. É um artigo que visualiza os pontos de união entre a escultura e a arte do corpo, visando como o indivíduo pode aproveitar esta arte para ajuda individual ou colectiva em função do bem-estar e equilíbrio. Este trabalho tem como objectivo salientar a importância da psicologia nas artes e como o homem pode auxiliar-se nela para apoiar a mente e o corpo. Neste artigo evidencia-se a importância do psicoterapeuta utilizar cada vez mais técnicas activas onde o corpo fala mais alto que a mente. Palavras-chave: corpo; dança; paradigma emergente; educação contemporânea.

Palavras-chave: arteterapia; escultura; corpo; terapia; bem-estar.

ABSTRACT

This paper is a literature review on the technique of family sculpture as body art. It is an alternative vision of the sculpture as art therapy such as music therapy or cinema therapy. It is an article that shows the points of union between sculpture and body art and how it can be used for individual or group help on the basis of well-being and balance. This review aims to highlight the importance of psychology in the arts and how people can use it to support mind and body. This article highlights the importance of the psychotherapist increasingly use active techniques where the body speaks louder than the mind.

Keywords: art therapy; sculpture; body; therapy; well-being.

INTRODUÇÃO

O homem é um ser demasiado complexo, é um ser que não se pode reduzir a dois ou três conceitos, é um ser que a psicologia tenta compreender segundo todos os seus componentes. O cinema pode desempenhar um papel fundamental nessa compreensão, na sua própria descoberta do “eu”. Muitas vezes a nossa vida está repleta de problemas, problemas esses que não conseguimos resolver ou que de certo modo nos bloqueiam. Por vezes conseguimos resolver esses problemas por pequenas coisas que acontecem nas nossas vidas, pela conversa com um amigo, por algo que façamos, etc. O cinema pode intervir nessa resolução, pois muitas vezes quando nos identificamos com a história de um determinado filme, ou com uma das suas personagens, por

²⁴ Mestre em Psicologia Clínica, ramo de Psicoterapia e Psicologia Clínica pelo Instituto Superior Miguel Torga. Coimbra. Portugal. fatimasofiaferreira@gmail.com.

estas viverem uma problemática semelhante à nossa, mesmo que o problema não seja totalmente igual nós fazemos essa transferência e associamos essa história a nós próprios. É nessa altura durante ou após o visionamento do filme que conseguimos quebrar os nossos bloqueios ou ganhar novas perspectivas sobre aquilo que nos atormenta. Estando a sociedade, hoje, sujeita a constantes e a rápidas transformações, o conhecimento adquirido nas escolas corre o risco de se tornar obsoleto, caso os indivíduos não apreendam, para além dos conteúdos, formas de aprender nova informação, *skills* sociocognitivos e motivacionais, fundamentais para uma adaptação dinâmica à vida (Clift, 1992). A Expressão Dramática, é *uma das formas de expressão humana*, ao potenciar os *skills* de comunicação, a desinibição, a autoconfiança, a capacidade de resolver problemas interpessoais, a autonomia, a cooperação, a assertividade, uma Fenomenologia da Expressividade (Miranda Santos, 1972, cit in Figueira, A. 2004) parece cumprir, julgamos, os objectivos de desenvolvimento social, pelo menos, os normalmente previstos nos comuns *treinos de aptidões sociais* (Bellack & Herson, 1979; Cartledge & Milburn, 1986, cit in Figueira, A. 2004), em que estas podem ser conceptualizadas enquanto “capacidades que permitem ao indivíduo manifestar comportamentos verbais e não-verbais apropriados em situações sociais que facilitam o desenvolvimento de relações interpessoais satisfatórias e a obtenção dos objectivos sociais do indivíduo” (Brady, 1984, cit in Figueira, A. 2004). De facto, a Expressão Dramática, tendo em consideração os aspectos afectivos/sociais, cognitivo/linguísticos e psicomotores de desenvolvimento, perspectiva-se como um instrumento de actualização e potenciação das aptidões sociais. Tendo em conta, igualmente, comportamentos verbais e não-verbais, encerra os componentes fundamentais das competências sociais. É uma prática que põe em acção a totalidade da pessoa, favorecendo, através de actividades lúdicas, o desenvolvimento e uma aprendizagem global (cognitiva, afectiva, sensorial, motora, estética). Neste sentido, ela partilha das intenções da finalidade geral da educação que é o desenvolvimento global da personalidade (Landier & Barret, 1994, cit in Figueira, A. 2004). A arteterapia onde a escultura familiar se integra é uma ferramenta de intervenção psicológica que contempla várias áreas de conhecimento com um objectivo comum recuperar o homem das suas dificuldades individuais através do processo de auto conhecimento e transformação (Coqueiro, N., Vieira, F., Freitas, M., 2010). A arteterapia permite ao terapeuta e ao cliente comunicarem através de uma linguagem artística através da criação e elaboração em função da saúde e equilíbrio (Coqueiro, N., Vieira, F., Freitas, M., 2010). Freud afirma que o artista pode simbolizar concretamente o inconsciente através da sua produção, retratando conteúdo do psiquismo. A arteterapia é um processo predominante não-

verbal, por meio das artes plásticas e da dramatização que acolhe o ser humano com toda a sua complexidade e dinamismo, procura aceitar os diversos aspectos técnicos ao contrário: as nossas intenções vão ao encontro dos processos criativos e de livre expressão. A arte é então entendida como um instrumento de enriquecimento do sujeito e descoberta de potencialidade singulares (Coqueiro, N., Vieira, F., Freitas, M., 2010). Phil Jones (1996) afirma que o corpo é a principal ferramenta da comunicação. Segundo Baptista (2003), tanto os processos biológicos quer os processos psíquicos processam-se no corpo, mas como o corpo não fala, a mente e o corpo reflectem reciprocamente. A psique está registada no corpo desde as nossas primeiras vivências, desde a fase intra-uterino configurando qualidades emocionais que surgem a partir das sensações físicas. A expressão corporal é um dos canais expressivos da arteterapia, favorece experiências diversas que levam a consciência ao conhecimento corporal, buscando a organização e a reorganização do movimento através da criatividade, tanto de forma individual como colectiva. Em combinação com alguns autores (Jones, P., 1996; Rojas-Bermúdez, J., 1997; Martinez-Bouteq et al., 2000, cit in Ribeiro, 2004), a expressão corporal dificulta a utilização da palavra como defesa, encobrimento ou alteração da verdade, já que a palavra se faz de acompanhar da acção, num “acting-out” que, não raro, atraiçoa a expressão verbal, resgatando a realidade interna do sujeito. Segundo Barberá e Knappe (1997), “...a escultura como uma expressão simbólica visual da estrutura de ligação de um sistema, é obtida através da manipulação dos órgãos do sistema”. A escultura familiar é uma figuração figurativa da família.

O objectivo da psicoterapia tem sido no âmbito de ajudar o paciente a reparar e enfrentar os seus problemas, para muitos autores isso é o “modelo de auto cura” (Bohart & Tallman, 2003). Jacob Moreno salienta a importância deste modelo sugerindo a inibição da capacidade de espontaneidade após, o nascimento, levando a que aconteça uma estagnação no desenvolvimento das pessoas, por não usarem a criatividade para resolver os problemas das suas vidas, assumindo assim sempre o mesmo tipo de papéis e acções (Moreno, 1993). A escultura sendo uma técnica psicodramática possibilita o contacto entre pessoas e permite que através dessas relações se modifique o tipo de relacionamento dentro do sistema (Bello, 2000). A escultura permite também que ocorra um processo de mudança. Este processo de mudança é orientado pelo terapeuta para permitir ao escultor uma visão mais ampla do que tem de ser mudado e quais são as várias soluções existentes (Bohat Tallman, 2003). A escultura vai significar o real pois esclarece o problema com a sua própria realidade visual limitada pelo problema e amplifica a percepção simbólica e figurada da situação. Nos últimos anos é cada vez mais claro o

uso de técnicas activas por parte dos psicoterapeutas. Segundo Simon e Wynne a técnica de escultura familiar tem os braços dados com o psicodrama, onde as técnicas dramáticas (activas) são contempladas. As origens desta técnica são encontradas nas técnicas de expressão do relacionamento sem palavras ou não verbal, “È para desenvolver meia mimética de expor uma situação difícil” (Masermann & Moreno).

Segundo Sei (2009), a arteterapia configura-se como uma estratégia terapêutica que evidencia o uso de diferentes modalidades de expressão, provinda principalmente do campo das artes visuais de maneira a facilitar a comunicação dos indivíduos que nela participam. Alegando que através da linguagem artística, tendo uma passagem mais clara dos conteúdos da mente nomeadamente do sofrimento, angústia difíceis de serem verbalizados. Para além de isto tudo a arte é um óptimo estímulo para despertar criatividade e recursos adormecidos sendo mais lucrativos para saúde e para o corpo.

DESENVOLVIMENTO

Segundo Barberá & Knappe (1997), escultura familiar define-se: “expressão plástica simbólica da estrutura vincular de um sistema mediante a instrumentalização dos corpos (dos elementos em relação) do dito sistema”. Valle (1997), afirma que a escultura familiar é uma técnica activa e ligada à dinâmica de grupo sendo assim uma mais-valia para os psicoterapeutas actualmente. Esta técnica permite que os sujeitos tenham acção (drama), termo introduzido por Moreno associado ao mundo da psicossociologia e das artes “curativas” ou da sociatria como ele próprio preferia intitular (Valle, 1997). De acordo com Carmen Bello (2000), Moreno definiu inicialmente o psicodrama como o método certo para a busca da verdade da alma através da acção. A escultura familiar é originária da técnica do sociograma de acção, teatro das artes terapias (Blatner, 1988). Segundo Rios, A. G., et al (2004), o corpo tem presença central na arte terapia, o corpo sente, recebe, vivência, transforma a acção e o movimento em cada toque, sensação e percepções vividas no decorrer do processo de entrega. Quando o corpo se torna arte a expressão é da alma. A escultura é uma técnica eficaz para o diagnóstico, compreensão e reconstrução do sistema em terapia, em que o próprio escultor se converte em protagonista (Valle, 1997). A escultura provoca uma compreensão maior e mais profunda, que permite o insight emocional dos componentes do sistema em terapia como se “acontecesse”, entre “nós”, a partir “do que vemos igual é diferente” parece um salto qualitativo que ultrapassa o primeiro entendimento racional da dinâmica estrutural do sistema (Valle, 1997). Valle salienta a

importância desta técnica porque implica fazer uma escultura que significa “usar o corpo” a construir um conjunto de elementos corporais que mostre o tipo de relação que existe entre as pessoas onde o corpo fala mais alto. É importante salientar a importância de não demonstrar o que se sente no momento, mas sim o que é habitual sentir-se “na base da relação” (Valle, 1997). De modo a permitir que, se entrasse alguém desconhecido naquele momento, pudesse saber, apenas ao ver a escultura, o que está a ocorrer entre aquelas pessoas. A escultura tem que ser a representação do “real”. Pode-se utilizar as técnicas de escultura tais como: a real ou através de dramatizações. Através do real é preciso haver percepção subjectiva da situação para que a escultura ou estátua desenhada através do corpo seja percebida. Na dramatização é possível fazer-se representações pessoais com mudança de papéis de cenas familiares. Moreno salienta que a espontaneidade e a criatividade são as principais características da teoria psicodramática. Para a técnica de escultura familiar estes dois conceitos são também fundamentais. No psicodrama utiliza-se a técnica da estátua que vai ao mesmo encontro da ideia da técnica da escultura. Segundo Ribeiro (2004), a estátua é uma das técnicas mais frequentes utilizadas e consiste em pedir ao protagonista que, o próprio, ou recorrendo a objectos represente a forma como vê determinada coisa ou situação (relacionada com a mente, o corpo, o ambiente, os afectos), como se tratasse de um escultor que vai esculpir a sua estátua. Esta técnica permite representar no cenário determinado material interno como emoções, sensações, ideias, sintomas, expectativas ou a forma como vê determinada relação que depois de ser observada e interpretada pelo próprio, é comentada pelos restantes elementos. A realização da estátua vai fomentar a criatividade do protagonista, permitindo ainda uma margem de liberdade para a interpretação e revelar significados. Esta técnica aprecia a riqueza da comunicação não-verbal (Ribeiro, 2004). As pessoas que fazem uma escultura do seu sistema mostram as relações e o tipo de relações mais significantes que têm com os outros, e o tipo de sistema (ambiente). As emoções e as interacções com os outros também são contempladas através da escultura (Andolfi, 1987; Barberá & Knappe, 1997). A escultura é feita de uma forma simples, é necessário o paciente modelar o próprio corpo e o dos outros. A linguagem verbal não é utilizada, são os constituintes que expressam o significado da escultura. Muitas vezes o paciente é surpreendido pela própria escultura. A escultura é usada para a comunicação analógica e é através desta comunicação que são transmitidas as mensagens sobre o relacionamento. A escultura informa o terapeuta do tipo de sistema da família e o tipo de relações dos membros deste sistema. Mostra também o tipo de relações externas do sistema familiar. A escultura permite também observar as mudanças dentro

do sistema familiar "Veja a relação é o primeiro passo para a mudança" (Andolfi, 1987). A escultura permite ver a mudança do sistema permitindo observar o relacionamento dos elementos do sistema e de seguida promover a mudança que vai permitir o movimento da escultura.

Estes movimentos podem ser de vários tipos: (Andolfi, 1987; Barberá & Knappe, 1997).

- A escultura “real” mostra o modo actual da interacção entre os membros do sistema vista pelo escultor;
- A escultura “desejada” mostra como o escultor gostava que fosse a sua relação, esta escultura permite que haja uma alteração na relação com o sistema;
- A escultura “temida” mostra o que a pessoas mais temem na sua vida ou no seu relacionamento com o sistema;
- A escultura “passado e futuro” mostra a maneira como o escultor considera o seu passado (pode ser antes de ter o problema) e como o escultor vê o futuro.

Existem vários tipos de esculturas, o importante é que todas elas se refiram aos vários membros do grupo ou do sistema familiar e que cada um, á sua maneira perceba o problema. Assim através da escultura é possível desempenhar esculturas vivas ou fenomenológicas (relações, atitudes). A escultura é uma técnica subjectiva e expressa a visão que o próprio escultor tem acerca do sistema, surge de forma espontânea, a pessoa não consegue controlar o que se está a passar no sistema. Isto é um processo muito mais simples do que se a pessoa tentasse explicar verbalmente. Por isso é que esculturas do mesmo sistema são feitas pelos vários elementos.

INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA DA TÉCNICA DA ESCULTURA FAMILIAR (BARBERÁ & KNAPPE, 1997):

- A intervenção é iniciada com uma entrevista exploratória aos pacientes da terapia para que o terapeuta recolha informação;
- De seguida pede-se aos pacientes para modelarem os corpos de forma a configurarem uma imagem que expresse uma atitude ou uma forma de relação;
- Durante a execução desta técnica pode-se inserir outras técnicas auxiliares como por exemplo, o espelho, mudanças de papéis, expressão de vivências, *insight*, todas estas técnicas são aplicadas no psicodrama;

- É muito importante conseguir-se em sessão fazer esculturas múltiplas para que os pacientes tenham mais modos de confrontação;
- É importante também fazer esculturas com ou sem protagonista, membros ausentes e membros presentes;
- As esculturas devem ser as mais reais e desejadas, também as mais temidas e percebidas pelos outros;
- O terapeuta deve ter uma posição simétrica entre os pacientes devendo assim o terapeuta fazer observações para todos os presentes para evitar coligações ou alianças entre elementos;
- A dramatização de cenas é muito importante para se poder fazer auto-apresentação, mudanças de papéis, crises, cenas com significado histórico ou situações simbólicas.

A expressão corporal tem valor apenas enquanto a acção ocorre e para quem a expressa. Tentar avaliar ou decifrar não é uma boa solução porque a arte é orientada em terapia serve apenas como espelho interno do paciente erra (Ferraz, 2007).

Segundo Ferraz (2007), seja qual for a técnica utilizada dançoterapia, musicoterapia, biblioterapia, psicodrama, sociodrama e/ou arteterapia ou escultura a expressão não é um espectáculo, mas apenas um modo individual ou colectivo de contacto com o mundo inconsciente de escape de tensões acumuladas e recalçadas.

Ferraz (2007) afirma que são muitos os benefícios das terapias expressivas, tais como:

1. Melhora a comunicação consigo mesmo e com o outro.
2. O cliente se independentiza do terapeuta pois é activo.
3. O tempo do tratamento é menor, pois a transferência é reduzida.
4. Favorece a busca da harmonia e do equilíbrio da vida.
5. Facilita o diagnóstico propiciando leitura de material inconsciente através de imagens pictóricas, sonoras, tácteis e cinestésicas.
6. Aumenta a espontaneidade e a criatividade positivamente orientadas.
7. Descarrega emoções recalçadas.
8. Facilita a mobilização de pacientes passivos e introvertidos.
9. Propicia a catarse nas situações em que é penoso expressar por palavras.

Experimentar os benefícios das terapias expressivas, não se trata apenas de criar uma obra de arte, de tocar um instrumento ou movimentar o corpo, mas sim de vivenciar, em terapia, o potencial e a força criativa que levam as pessoas ao autoconhecimento, ao encontro do equilíbrio e a superação de suas dificuldades emocionais (Ferraz, 2007).

A escultura como técnica de terapia de casal: Segundo Leal (2005), a terapia de casal é parte integrante da terapia familiar e têm como objecto aos padrões relacionais do casal. Broderick & Shrader (1981) consideram que a terapia familiar se estruturou como respostas a necessidades sociais, o aconselhamento familiar, os centros comunitários e os centros de saúde mental infantil, os modelos de psicoterapia breve. O objectivo da terapia familiar para Leal (2005), é a modificação do sistema de interacção no seio da família, e não só, o de curar ou transformar o indivíduo membro da família e designado por paciente. A mudança dentro do sistema familiar deve resultar de alterações em todos os membros da família, incluindo o desaparecimento do sintoma ou comportamento indesejável. Segundo (Duhl, F.J., Karitor, D., & Dull, B.S., 1973) a utilização da escultura familiar na terapia de casal é muito elogiada como meio terapêutico porque permite a comunicação analógica. Assim, segundo estes autores esta técnica permite que exista um “processo” denominado activo e não linear que descreve, não verbalmente, as relações no espaço e no tempo de modo a que acontecimentos ou atitudes sejam percebidos e experienciados simultaneamente. A escultura familiar baseia-se em três condutores que vulgarmente não são abonados em alguns processos terapêuticos: a comunicação não-verbal, a representação do “aqui e agora” das interacções e a vivencia simultânea do pensamento, comportamento e sentimento (Cardoso, 1996). A escultura é uma técnica activa no panorama da terapia experiencial e constitui um meio terapêutico que ajuda a aprendizagem através da acção, regenerando a linguagem figurativa e corporal (Cardoso, 1996). A terapia nesta perspectiva é considerada um “processo activo” de aprendizagem e crescimento quer para o(s) paciente(s) como para o terapeuta que prevê a capacidade de cada pessoa de (re)apreender comportamentos, interacções desde que lhe seja dada a oportunidade de novas experiências significativas (De Ath Erica, 1981). A mudança é para esta técnica a experiência do novo comportamento mais do que a compreensão do comportamento frequente (Cardoso, 1996). O sistema-casal funciona em interacção circular entre todos os seus elementos visando a firmeza e estabilidade, logo existe um acordo mais ou menos explícito acerca das regras que definem a relação. Tem que existir um equilíbrio dinâmico do casal que implica uma regulação excelente entre a diferenciação de cada um dos seus elementos e da sua coesão (Cardoso, 1996). Segundo Cardoso (1996), o casal é o criador da relação, mas também

da sua criação, por isso a relação é um protagonista activo. A técnica da escultura familiar oferece variadíssimas vantagens na avaliação e na interacção em terapia de casal, são elas: forma a relação sendo possível visualizá-la (configuração dos corpos, mudanças), permite um ambiente de humor e curiosidade favorável a regular as distâncias do casal e também a ultrapassar resistências á experimentação da mudança de posição (Roma-Torres et al., 1992). Contrariamente ao relato verbal em que o casal acaba sempre em conflito desenvolvendo detalhes secundários e repetitivos, o uso das imagens formadas mais concretas ajuda a descontrair o espaço terapêutico enriquecendo o acontecimento da relação (Cardoso, 1996). Assim para finalizar, outras vantagens da escultura familiar é permitir uma visão holística da relação, imagem visual e o sentido metafórico da representação é partilhado por ambos os elementos. Pode haver um efeito de coesão na medida em que cada elemento se experimenta na parte integrante do todo, cada qual é responsável pela relação. Esta diferenciação de cada elemento pode ser forçada pelo facto de cada um ter a sua individualidade.

É tão importante o contributo do corpo para as expressões humanas que se poderia falar duma colaboração indispensável do mesmo para essas expressões ou até duma “intencionalidade corporal”. A expressividade da pessoa humana implica o corpo como condição da tradução dessa expressividade implica o enquadramento ambiental como possibilidade de diálogo existencial na personalidade estruturada e amadurecida (Miranda Santos, 1972, p. 317).

Assim como, um musicoterapeuta homem/artista cria contextos e possibilidade de estímulo da escultura familiar também possibilita que haja um resgate do processo espontâneo – criativo de cada pessoa. De forma a libertá-la das cordas construídas por si mesmo, através da comunicação (Teixeira, 2006).

CONCLUSÃO

Torna-se de extrema necessidade que a arteterapia ganhe cada vez mais espaço na área da saúde sobretudo na área da saúde mental. A arteterapia colabora activamente no apaziguar dos efeitos negativos da doença mental. A arteterapia promove o bem-estar da pessoa com sofrimento psíquico uma vez que a arteterapia propicia mudança na área afectiva, interpessoal e relacional melhorando o equilíbrio emocional (Coqueiro, N., Vieira, F., Freitas, M., 2010). A escultura familiar é mais uma ferramenta para a psicoterapia. É uma técnica que implica acção e dinamismo por parte de todos os elementos que estão envolvidos na terapia incluindo o terapeuta. É uma técnica que valoriza mais a voz do corpo e da alma que a voz enquanto som.

Historicamente esta técnica tem Moreno como seu gerador sendo posteriormente estudada por muitos outros autores. Segundo Moreno, a escultura é uma técnica puramente verbal onde o corpo fala mais alto e no qual a acção tem um lugar central. A escultura é aplicada mais frequentemente na terapia familiar mas pode ser aplicada noutras vertentes sendo apenas importante a pertinência para a sua utilização. Esta técnica salienta totalmente as medidas alternativas à comunicação e relacionamento entre os outros e permite assim a compreensão da razão das coisas estarem naquele patamar, expressa pontos de vista de cada elemento de uma forma plena sem conflito e de uma forma cordial, para que cada elemento aceite a visão do outro.

Segundo Población & Barberá (1991), o entendimento mais profundo e a percepção emocional a cada um dos elementos da família e do que está a acontecer “aqui e agora” parece-lhes um passo mais importante que a compreensão racional, torna-se apenas um dos caminhos para uma possível mudança. Outra finalidade desta técnica é a construção simples.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, A. L. (2003). A expressão corporal na prática da arteterapia. **Revista Imagens da Transformação**, 10.

BARBERÁ, E. L., & KNAPPE, P. P. (1997). **La Escultura Y Otras Tecnicas Psicodramaticas Aplicadas En Psicoterapia**. Ediciones Paidós Iberica.

CARDOSO, M. S. (1996). A utilização da escultura na terapia de casal e suas potencialidades. **Cadernos de Consulta Psicológica**, 12, 33-38.

COQUEIRO, N. F., VEIRA, F. R., & FREITAS, M. M. (2010). Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. **Acta Paulista de Enfermagem**, 23(6):859-62.

DREYFUS, C. (1980). *Psicoterapias de Grupo*. São Paulo: Verbo.

ESPINA, A. (1997). El uso de la escultura en la terapia de pareja. **Revista de Psicoterapia**, 7, 28, 29-44.

FIGUEIRA, A. P. (2002). O Palco da Vida: A expressão dramática enquanto instrumento operatório do desenvolvimento das competências sociais. **Psychologica**, 30, 187-191.

GAMEIRO, J., & SAMPAIO, D. (2002). **Terapia Familiar**. Edições Afrontamento.

GARCIA, T. P., & BITTENCOURT, M. (2004). **A contribuição da utilização dos recursos artísticos e lúdicos pelo psicólogo hospitalar no tratamento de pacientes renais no hospital do rim e hipertensão**. Faculdade de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GONÇALVES, C. S., WOLFF, J. R., & ALMEIDA, W. C. (1988). **Lições de Psicodrama**. São Paulo: Editora Ágora.

GROCHOWIAK, K., & CASTELLA, J. (2007). **Constelações Organizacionais**. Tradução Susanna Berhorn - São Paulo: Cultrix.

LEAL, I. (2005). **Iniciação às Psicoterapias** (2ª ed.). Lisboa: Fim de Século.

MUGA, H. A. (2008). Paradigmas da luz na percepção e na arte. **Comunicação apresentada na 'Conferência sobre a luz'**, organizada pelo Atelier da Luz, ESAP.

PIRONDI, V. E. (2008). O uso do torno em arteterapia torno terapêutico. **Pomar**.

POBLACIÓN, P., & BARBERÁ, E. L. (1991). La escultura en terapia familiar. **Vinculos**, 3, 77-98.

RIBEIRO, M. (2004). **Quando o Corpo Toma a Palavra**. Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga.

RIOS, A. G. (2004). **Arteterapia de corpo e alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

SEI, M. B. (2009). Arteterapia e violência. **Arteterapia - Relembrar é preciso... criar é continente**: Caderno de Resumos do I Fórum Paulista de Arteterapia, 55p.

TRIGUEIROS, L. (2008). Morreste-me: Uma leitura relacional/sistémica da obra de José Luís Peixoto para um encontro entre a psicologia e a arte. **Universidade Católica Portuguesa**.